

Atena
Editora
Ano 2021

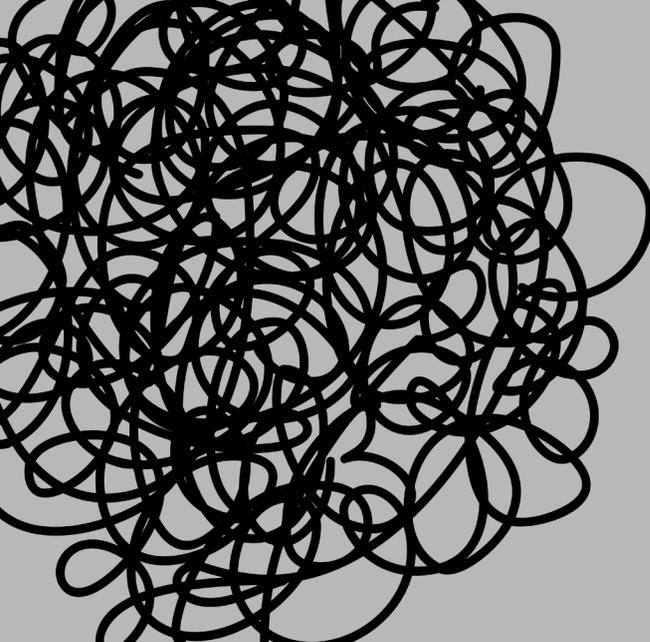


A Pesquisa em Psicologia:

Contribuições para o
Debate Metodológico



Ezequiel Martins Ferreira
(Organizador)

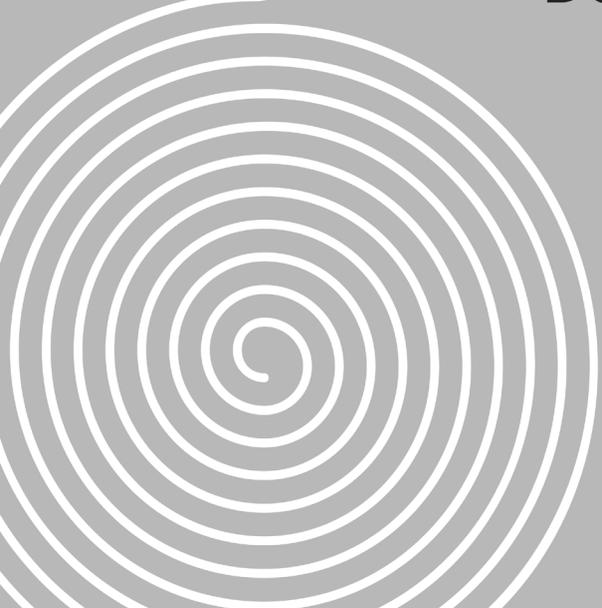


Atena
Editora
Ano 2021



A Pesquisa em Psicologia:

Contribuições para o
Debate Metodológico



Ezequiel Martins Ferreira
(Organizador)

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Arinaldo Pereira da Silva – Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Jayme Augusto Peres – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Daniela Reis Joaquim de Freitas – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Fernando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Fernanda Miguel de Andrade – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federacl do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Welma Emidio da Silva – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Profª Drª Ana Grasielle Dionísio Corrêa – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande

Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Sidney Gonçalves de Lima – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo
Profª Drª Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo,
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miraniide Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Profª Ma. Adriana Regina Vettorazzi Schmitt – Instituto Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Profª Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Amanda Vasconcelos Guimarães – Universidade Federal de Lavras
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andrezza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Me. Carlos Augusto Zilli – Instituto Federal de Santa Catarina
Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná
Profª Drª Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa

Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Edson Ribeiro de Britto de Almeida Junior – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein
Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Me. Fabiano Eloy Atilio Batista – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará
Prof. Me. Francisco Sérgio Lopes Vasconcelos Filho – Universidade Federal do Cariri
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFGA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenología & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Lilian de Souza – Faculdade de Tecnologia de Itu
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lúvia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Profª Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz
Profª Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Me. Luiz Renato da Silva Rocha – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos

Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Dr. Pedro Henrique Abreu Moura – Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais
Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Profª Drª Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Rafael Cunha Ferro – Universidade Anhembi Morumbi
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Renan Monteiro do Nascimento – Universidade de Brasília
Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Profª Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

A pesquisa em psicologia: contribuições para o debate metodológico

Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Maria Alice Pinheiro
Correção: Giovanna Sandrini de Azevedo
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizador: Ezequiel Martins Ferreira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P474 A pesquisa em psicologia: contribuições para o debate metodológico / Organizador Ezequiel Martins Ferreira. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5983-016-9

DOI 10.22533/at.ed.169210605

1. Psicologia. I. Ferreira, Ezequiel Martins (Organizador). II. Título.

CDD 150

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa.

APRESENTAÇÃO

A coletânea *A Pesquisa em Psicologia: Contribuições para o Debate Metodológico*, reúne vinte e dois artigos que abordam algumas das possibilidades metodológicas do saber psicológico.

A Psicologia enquanto campo teórico-metodológico traz em suas raízes tanto a especulação filosófica sobre a consciência, a investigação psicanalítica do inconsciente, quanto a prática dos efeitos terapêuticos da medicina e em especial da fisiologia.

E, desse ponto de partida se expande a uma infinidade de novas abordagens da consciência humana, creditando ou não algum poder para o inconsciente como plano de fundo.

A presente coletânea trata de algumas dessas abordagens em suas elaborações mais atuais como podemos ver nos primeiros capítulos em que se tratam do inconsciente em suas relações com os mitos, o erotismo, os corpos, as contribuições socioeducativas entre outros olhares para o que é abarcado pelo psiquismo humano.

Em seguida temos alguns temas situacionais de nossa realidade imediata quanto aos efeitos psicológicos do isolamento social e o medo da morte, assim como de uma, não tão nova, ferramenta para o tratamento psicológico que é o teleatendimento.

Uma boa leitura!

Ezequiel Martins Ferreira

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
DA METÁFORA, DO SONHO E DO MITO: APROXIMAÇÕES DE INCONSCIENTE Ezequiel Martins Ferreira DOI 10.22533/at.ed.1692106051	
CAPÍTULO 2	9
ESCRITORA E ESCRITURA: ANNE CÉCILE DESCLOS E SUA ESCRITA ERÓTICA COMO CARTA DE AMOR Elizabeth Fátima Teodoro Wilson Camilo Chaves DOI 10.22533/at.ed.1692106052	
CAPÍTULO 3	21
CONTRIBUIÇÕES DA PSICANÁLISE PARA O ATENDIMENTO SOCIOEDUCATIVO: RELATOS DA PRÁTICA Yliah Cavalcanti Sardinha Gabriel Monteiro da Fonseca Leal Maia Izabela dos Santos de Oliveira DOI 10.22533/at.ed.1692106053	
CAPÍTULO 4	32
UMA NOVA GEOGRAFIA DO CORPO: ESTÉTICA, SUBJETIVIDADE E CLASSE SOCIAL Joana de Vilhena Novaes DOI 10.22533/at.ed.1692106054	
CAPÍTULO 5	50
PERCEPÇÕES DE QUEIXA ESCOLAR DE JOVENS ADULTOS DE UM CURSINHO PRÉ- VESTIBULAR Isis Grazielle da Silva Ana Caroline Dias da Silva DOI 10.22533/at.ed.1692106055	
CAPÍTULO 6	58
A PSICOLOGIA CORPORAL NO TRATAMENTO DO MAL DO SÉCULO: DEPRESSÃO Estela Maris Lançonni Cantarelli Maria Márcia Soares José Henrique Volpi DOI 10.22533/at.ed.1692106056	
CAPÍTULO 7	66
AS BASES INTERDISCIPLINARES E TRANSDISCIPLINARES DA PESQUISA EM PSICOLOGIA ANALÍTICA: UM OLHAR PARA A TOTALIDADE DO INDIVÍDUO E DO MUNDO Leonard Almeida de Moraes DOI 10.22533/at.ed.1692106057	

CAPÍTULO 8	74
GRUPOS TERAPÊUTICOS EM CLÍNICA DE INTERNAÇÃO PSQUIÁTRICA EM HOSPITAL GERAL: POSSIBILIDADE DE ATUAÇÃO DO PSICÓLOGO	
Mariana Lopes de Almeida Arina Marques Lebrege João Bosco Monteiro	
DOI 10.22533/at.ed.1692106058	
CAPÍTULO 9	83
A ELABORAÇÃO DO LUTO NO CÔNJUGE LONGEVO E A SUA AUTONOMIA	
Francisca Sousa Vale Ferreira da Silva Patrícia Melo do Monte	
DOI 10.22533/at.ed.1692106059	
CAPÍTULO 10	90
A IMPORTÂNCIA DO ESCUTAR O SOFRIMENTO PSÍQUICO DE MULHERES HOSPITALIZADAS EM ENFERMIARIAS CARDIOLÓGICAS OU QUE SOFRERAM CIRURGIA CARDÍACA	
Suzana Lopes Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.16921060510	
CAPÍTULO 11	98
MÃES RECÉM NASCIDAS, SEUS BEBÊS, O BEBÊ QUE EXISTE EM TODO ADULTO E A CLÍNICA BIODINÂMICA	
Eliana Lemos Pommé	
DOI 10.22533/at.ed.16921060511	
CAPÍTULO 12	106
PROJETO DE INTERVENÇÃO EM PSICOLOGIA SOCIAL PARA PROMOVER ATIVIDADES DE RECREAÇÃO A IDOSOS EM ISOLAMENTO SOCIAL EM UM CENTRO DE VIVÊNCIA DA TERCEIRA IDADE DURANTE A PANDEMIA DO SARS-COV-2	
Carolina Soprani Valente Muniz Daniel Zanotti da Silva Raquel da Cunha Leite Laís Sudré Campos	
DOI 10.22533/at.ed.16921060512	
CAPÍTULO 13	119
DIAGNÓSTICO INSTITUCIONAL NA ELABORAÇÃO DO PLANO DE ENFRENTAMENTO EM SITUAÇÕES DE PANDEMIA	
Bárbara Bergozza Elenice Deon Karoliny Stefany Jost Christianne Leduc Bastos Antunes Eliana Sardi Bortolon Rosângela Andreoli Ortiz Thais Pinto Teixeira Sherol da Silva dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.16921060513	

CAPÍTULO 14.....	132
AUTOMEDICAÇÃO E EFEITOS PSICOLÓGICOS EM IDOSOS DURANTE O ISOLAMENTO SOCIAL	
Edivan Lourenço da Silva Júnior Luisa Fernanda Camacho Gonzalez	
DOI 10.22533/at.ed.16921060514	
CAPÍTULO 15.....	142
PLATAFORMAS COLETIVAS DE PSICOTERAPIA ON-LINE: UMA ANÁLISE QUALITATIVA	
Luísa Gianoni Marques Rafael Fontan Ottolia Nara Helena Lopes Pereira da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.16921060515	
CAPÍTULO 16.....	153
IMPACTOS PSICOSSOCIAIS EM MÃES CUIDADORAS DE FILHOS AUTISTAS	
Adriana Pagan Tonon Lais Rodrigues Fernando Luis Macedo	
DOI 10.22533/at.ed.16921060516	
CAPÍTULO 17.....	167
CULPADOS OU INOCENTES? ADOLESCENTES EM CUMPRIMENTO DE MEDIDA SOCIOEDUCATIVA DE INTERNAÇÃO: FATORES DE RISCOS PARA A INCIDÊNCIA DE ATOS INFRAACIONAIS	
Amanda Daysê Loureiro Serra e Silva Kalyandra Brandão de Carvalho Yloma Fernanda de Oliveira Rocha	
DOI 10.22533/at.ed.16921060517	
CAPÍTULO 18.....	179
ACOMPANHAMENTO PSICOLÓGICO DO SUJEITO SURDO NA EDUCAÇÃO SUPERIOR: DESAFIOS E POSSIBILIDADES	
Lidiane Jaqueline de Souza Costa Marchesan Juliana Corrêa de Lima Sílvia Maria de Oliveira Pavão	
DOI 10.22533/at.ed.16921060518	
CAPÍTULO 19.....	194
LIÇÕES DA PSICOLOGIA SOCIAL: CONTRIBUIÇÕES PARA O DEBATE METODOLÓGICO – UMA PERSPECTIVA CONSTRUTIVISTA	
Jeannette Leontina Navarro E. Oscar Edgardo N. Escobar	
DOI 10.22533/at.ed.16921060519	

CAPÍTULO 20.....	210
OLHAR PSICOLÓGICO NO ÂMBITO PROFISSIONAL: CONTRIBUIÇÕES E ATRIBUIÇÕES	
Bárbara Bergozza	
Karoliny Stefany Jost	
Jéssica Piovesan	
Christianne Leduc Bastos Antunes	
Eliana Sardi Bortolon	
Rosângela Andreoli Ortiz	
Sherol da Silva dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.16921060520	
CAPÍTULO 21.....	226
ATUAÇÃO DE ESTÁGIO EM PSICOLOGIA NO RH DE UMA EMPRESA: ETAPAS DE PROCESSO SELETIVO	
Simone Vieira Campos	
Gledson Lima Alves	
DOI 10.22533/at.ed.16921060521	
CAPÍTULO 22.....	238
A ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL E O COACHING DE CARREIRA: SIMILARIDADES E DIFERENÇAS	
Rafaela Roman de Faria	
Camila Marochi Telles	
DOI 10.22533/at.ed.16921060522	
SOBRE O ORGANIZADOR.....	249
ÍNDICE REMISSIVO.....	250

CAPÍTULO 2

ESCRITORA E ESCRITURA: ANNE CÉCILE DESCLOS E SUA ESCRITA ERÓTICA COMO CARTA DE AMOR

Data de aceite: 27/04/2021

Data de submissão: 19/03/2021

Elizabeth Fátima Teodoro

Universidade Federal de São João del-Rei;
Programa de Pós-Graduação em Psicologia –
PPGPSI/UFSJ
São João del-Rei, Minas Gerais, Brasil.
<http://lattes.cnpq.br/5201570313366152>
<https://orcid.org/0000-0003-0977-7265>

Wilson Camilo Chaves

Universidade Federal de São João del-Rei;
Programa de Pós-Graduação em Psicologia –
PPGPSI/UFSJ
São João del-Rei, Minas Gerais, Brasil.
<http://lattes.cnpq.br/1498920976592034>
<https://orcid.org/0000-0003-2368-0080>

Parte desse artigo foi publicado como capítulo do livro **Críticas feministas, LGBTs e queers**. Belo Horizonte: Initia Via, 2019, v. 4, como uma das produções do III Congresso de Diversidade Sexual e de Gênero ocorrido em 2018.

RESUMO: As linhas que se seguem têm por objetivo analisar alguns pontos da biografia de Anne Cécile Desclos que sob o pseudônimo Pauline Réage escreve a obra “A história de O” como uma carta de amor para capturar a fantasia de seu amado Jean Paulhan. Nesse trajeto, optou-se por usar como autor de base Sigmund Freud e suas investigações sobre a sexualidade feminina para ler aspectos da vida

e obra da referida autora, no intuito de encontrar elementos para uma leitura-escuta que nos aponte o rastro de um possível traço feminino da fantasia. Nesse contexto, vemos acenar nas fissuras presentes na relação escritora-escritura possíveis coordenadas de uma fantasia feminina que emerge do deslocamento entre posição de objeto do desejo (ser narrada) e posição de sujeito de seu próprio desejo e do desejo do outro (narrar). Inere-se, nesses termos, que o tornar-se mulher é fruto da precipitação da autora de sua própria história, tomando para si a posição de sujeito desejante mediante a sustentação de uma possível fantasia feminina de se fazer objeto de desejo do outro.

PALAVRAS - CHAVE: Anne Desclos. Freud. Feminino. Literatura erótica. Sexualidade.

WRITER AND SCRIPTURE: ANNE CÉCILE DESCLOS AND HER EROTIC WRITING AS A LOVE LETTER

ABSTRACT: The following lines aim to analyze some points in the biography of Anne Cécile Desclos who under the pseudonym Pauline Réage writes the work “The story of O” as a love letter to capture the fantasy of her beloved Jean Paulhan. Along this path, we chose to use Sigmund Freud and his investigations on female sexuality as the basic author to read aspects of the life and work of the author, in order to find elements for a reading-listening that points out the trail of a possible feminine trait of fantasy. In this context, we see in the fissures present in the writer-writing relationship possible coordinates of a female fantasy that emerges from the

displacement between the position of the object of desire (to be narrated) and the position of subject of her own desire and the desire of the other (to narrate). It is inferred, in these terms, that becoming a woman is the result of the precipitation of the author of her own history, taking for herself the position of desiring subject through the support of a possible female fantasy of becoming the object of desire of the other.

KEYWORDS: Anne Desclos. Freud. Female. Erotic literature. Sexuality.

1 | INTRODUÇÃO

De forma geral, a escrita pode ser tomada como um processo de produção de um texto. Contudo, de forma mais específica, trata-se de uma operação complexa que resulta de uma série de comportamentos, habilidades e competências que reunidas expressariam a dimensão implícita do acordo entre a subjetividade do(a) escritor(a) e as imposições do texto. Essas imposições seriam os constituintes gramaticais da língua: o recurso simbólico dos modos de apropriação do que se pretende enquanto construção e elaboração de um texto, o contexto sócio histórico que formularia algo como um *a priori* afetivo desde o qual um fragmento da paisagem imaginária pessoal admitiria condições textuais de descrição.

Não sem razão, a palavra texto vem do latim *texere* e significa tecer, construir, e em seu participio passado – *textus* – também pode ser utilizado como substantivo, significando coisa ou maneira de tecer, ou ainda, estrutura. Dar vida a uma obra é, nesse ínterim, retomar condições de textualidade que se tecem em meio a um conjunto de fatores que perpassam o processo de escrita. Motivo pelo qual poderíamos falar de um texto anterior ao texto. Mas afinal o que seria esse texto antes do texto?

Para uma melhor compreensão desse mecanismo textual ao qual nos referimos, é preciso retomar algumas teorizações de Freud (1950[1986]/1996) sobre o caráter textual da organização subjetiva que pode ser encontrada em sua “Carta 52” a Wilhem Fliess, na qual ele admite a proposição de um aparelho psíquico como um aparelho de memória estratificado. É importante destacar que, já em sua Monografia de 1891, o criador da psicanálise, ao se afastar das teses localizacionistas para descrição das patologias cerebrais, propõe um ajuste na noção de aparelho psíquico, que seria melhor definido como um aparelho de linguagem. Ora, não é sem consequência essa modificação, uma vez que implica reconhecer que o fundamental daquilo que configura o psíquico seria da ordem da linguagem, da fala, e do que os caracterizaria, a saber, os traços que a memória estratificaria.

Assim, Freud (1950[1896]/1996) destaca que o material presente em forma de traços da memória estaria sujeito, de tempos em tempos, a um rearranjo segundo novas circunstâncias – a uma retranscrição. De tal forma, a novidade desse empreendimento teórico se resumiria à constatação de que a memória não se faria presente de uma só vez, mas se desdobraria em tempos diversos. Junto a isso, haveria um processo que o médico vienense denominou de forma coloquial como trilhamento (*Bahnung*), ou seja, a partir das

experiências de satisfação, haveria uma série de facilitações neuronais que demarcariam uma trilha desde a qual se organizaria a economia psíquica do sujeito.

Tal trilhamento nos permitiria aventar a possibilidade de se trabalhar com a hipótese de um texto antes do texto, um texto composto de traços, marcas e facilitações, que traduziriam o traumático na perspectiva fantasística de se formular como mito ou romance pessoal até o texto e suas condições sociais de circulação. Em resumo, nossa proposição é de que a erótica do texto estaria veiculada no acordo implícito entre a fantasia e suas condições de expressão textual, de tal forma que parte do conteúdo sexual seria sublimado, cabendo a Eros e a *ars erótica* realizar essa passagem do sexual para o textual.

Portanto, em linha de princípio, a escrita seria um processo que implicaria a transformação da experiência subjetiva em equivalentes culturais legitimados pela sociedade, de forma que o sexual demandaria sua legitimação social para se tornar textual. Sendo assim, as condições sociais do texto são complexos de valores, imagens, tendências e tensões, que só poderiam ser autenticados na perspectiva de se tornarem admissíveis na cena comum de sua leitura.

No sentido dessas condições, as produções literárias que marcam determinada época se apresentam como ecos de vozes produzidas no interior de uma dada cultura. Nessa linha de raciocínio, ao estudarmos a vida e obra de algumas escritoras de textos eróticos, temos a sensação de que tais escritas parecem se apresentar como organizadores psíquicos e sociais que possibilitam à escritora se tornar autora de sua própria obra. Essa afirmação decorre do entendimento de que a literatura surge como um modo de expressão humano e, conseqüentemente, uma forma de constituição de subjetividade, da qual se torna possível extrair material que permite realizar leituras dos modos de subjetivação em dado contexto ou época. Assim, se partirmos do pressuposto de que o material clínico da psicanálise é a produção do sujeito, entenderemos que a literatura, seja enquanto escrita de si, seja enquanto escrita do outro, permite ao(a) autor(a) transformar em palavras seus afetos, sensações e fantasias, de modo a dar materialidade ao texto que antecede o texto.

Para nos embrenharmos nesse universo do texto por trás do texto erótico escrito por mulheres, partimos do que Bataille (2004) nomeou como erotismo dos corpos, a fim de tomarmos o termo erotismo como um mecanismo de ligação entre seres descontínuos que procuram, através da atividade sexual, estabelecer uma relação de continuidade. Mecanismo esse que assume função de subjetivação da atividade sexual, visto que possibilita o desvio pulsional do sexo enquanto ato meramente reprodutivo.

Dito isso, pensemos nas veredas da escrita que, por mais externas que possa aparentar a construção de um texto, as condições que as permeiam, quase sempre, tocam o não dito. Assim, tais escritas têm sua origem na “tensão entre o que se deseja dizer e aquilo que é permitido ou legítimo enunciar” (BORGES, 2013, p. 29). Isso significa preferir que, das pretensas autobiografias às ficções mais inusitadas, o sujeito é parte indissociável no processo de escrita. Quando esse processo leva à criação de algo novo, oriundo da

tensão entre o dito e o não dito, denominaremos de escritura.

É nesse contexto que a arte literária desde seu início acena para os princípios de transgressão, seja na voz de um “Cortiço” de Aluísio de Azevedo, no papel de mulheres que ensejam sexualidade, seja na obra de Flaubert que traz a voz de “Madame Bovary” ao cenário de discussão de sua própria sexualidade.

Pensando mais especificamente a literatura erótica, podemos dizer que ela figura como proscênio (anti-cena) da sexualidade humana, no sentido de figurar uma narrativa capaz de tornar admissível a exuberância da sexualidade. E mesmo quando essa sexualidade parece ocupar, inteiramente, a cena de um romance, é perceptível o apelo a elementos narrativos que buscam balizar a ocorrência da sexualidade real, de modo que o que aparece na cena é o sexo transvestido de objetos que, aos moldes do fetichismo, tampona o sexo real, que ainda se figura como obsceno, como elemento fora da cena, tal como uma dialética de tipo hegeliano com proscênio (tese), obsceno (antítese) e cena (síntese).

Esta dialética entre o proscênio, a cena e o obsceno depreende que a tese seria o proscênio: a afirmação de que o erótico seria capaz de apresentar integralmente o desejo, os pendores e inclinações dos personagens, o efetivo de sua relação. A isso, contrapõe-se, como antítese, o obsceno, elemento que garante à cena ser tomada em sua questionável totalidade, uma vez que, para tanto, algo deve ficar de fora dela, como motivação fundamental, ou mesmo como verdade da cena. Como síntese temos a cena, da qual se figuram elementos de desencontro que acenam para a incompletude do sexual.

Nesse viés, podemos entender o obsceno como o que é oposto à cena, “[...] que não se pode levar ao palco por atentatório à moral” (PORTELLA, 1984, p. 115), constatamos que ela assinala para a parte da sexualidade que fica fora da cena social. Isso significa pensar a linguagem obscena como aquela que “[...] seria transgressora, em alguma medida, por rebelar-se contra o engessamento emocional promovido pelo que se convencionou chamar de bons costumes” (SILVA, 2002, p. 77). Assim, a literatura erótica figura como transgressora, por violar as normas de dada sociedade.

Desse modo, a escrita erótica, agora composta por mulheres, pode ser compreendida como duplamente transgressora, uma vez que transgride a norma de não fazer parte do discurso social e, ao tomar a palavra, transgride por falar sobre sexualidade, assunto tabu na maioria das sociedades, tornando-se um terreno fértil a ser explorado quando o assunto é perscrutar as construções e investidas fantasísticas que permeiam as imagens do feminino em nossa sociedade. Pois, nesse jogo de esconder para revelar e revelar para esconder, se produz incansavelmente narrativas que escancaram os nós que engendram as tramas psíquicas na senda do feminino. Nesse contexto, podemos formular duas questões: o que as mulheres pretendem esconder com as narrativas eróticas? E de quem elas buscam esconder?

Mediante tais questionamentos, objetivamos analisar alguns pontos da biografia de

Anne Cécile Desclos que sob o pseudônimo Pauline Réage escreve a obra “A história de O” como uma carta de amor para capturar a fantasia de seu amado Jean Paulhan. Nesse trajeto escolhemos uma investigação teórica com enfoque em Sigmund Freud e sua teorização sobre a sexualidade feminina para ler aspectos da vida e obra da referida escritora, no intuito de encontrar elementos para uma leitura-escuta que nos aponte o rastro de possível traço feminino da fantasia, temática tão cara à psicanálise e extremamente importante na clínica contemporânea. Isso porque, ao discutir as relações entre mulher, sexualidade feminina e fantasia, contribuímos para a ampliação dos destinos clínicos das narrativas de mulheres que, ainda hoje, procuram as clínicas psicanalíticas para narrar seus sofrimentos psíquicos em meio aos conflitos próprios das relações amorosas.

2 | A INVENÇÃO DE ANNE CÉCILE DESCLOS: UMA ESCRITA ERÓTICA COMO CARTA DE AMOR

“Eu não era bonita, não era mais tão jovem, então minha caneta era a única arma que eu tinha para atraí-lo” (DESCLOS apud RIBEIRO, 2018, p. 28-29). Com essas palavras Anne Cécile Desclos (1907-1998), em 1994, aos 86 anos, não só desvenda um dos grandes mistérios da literatura erótica francesa do século XX, como também descreve sua movimentação para capturar as fantasias de seu amante e empregador, Jean Paulhan, editor da *Nouvelle Revue Française*, da editora Gaston Gallimard. Oriunda de uma família francesa católica e conservadora, a história da autora nos chama a atenção por inúmeros motivos, um deles, sem dúvida, diz respeito ao modo como ela soube utilizar de pseudônimos para se desenvolver profissionalmente. Isso porque somente após assumir a identidade de Dominique Aury, em 1946, ela se tornou uma renomada tradutora, editora, jornalista francesa e crítica de obras literárias (RIBEIRO, 2018). Podemos deduzir dessa movimentação um saber-fazer com máscaras e personagens.

Ainda nesse jogo de personagens, Desclos se veste de Pauline Réage, escritora de literatura erótica, para fisgar a atenção e admiração de Paulhan, mantendo assim sua relação amorosa com o mesmo. Ele, um amante inveterado de contos eróticos e apaixonado por “Os 120 dias de Sodoma”, obra de Marquês de Sade, comenta com Desclos que estava seguro de que ela seria incapaz de escrever um livro erótico de qualidade, como todas as mulheres, opinião que compartilhava com Sade. Ela toma a provocação como um desafio amoroso e passa a escrever histórias eróticas em forma de “cartas de amor”, sob o pseudônimo de Pauline Réage (RIBEIRO, 2018).

Esse jogo de sedução originou a polêmica obra “A história de O”, um tratado sadomasoquista que desafiou a moral francesa dominante em 1954, a ponto de a editora ser acusada de obscenidade e a venda do livro ser proibida para menores de idade. Desafiou também essa censura, ao ser premiada com o *Prix des Deux Magots*, prêmio de literatura erótica, em 1955 (RIBEIRO, 2018). Além disso, incomodou as feministas que acreditavam

ser o livro uma apologia à mulher-objeto. Assim, Dominguez (2006) conta como, em 1979, presenciou, em uma manifestação feminista, a queima de um exemplar ilustrado por Guido Crepax, dentre outros textos eróticos, e como muitas mulheres se defendiam afirmando que somente um homem seria capaz de escrever tamanha atrocidade. Porém, o autor acima citado estava convencido de que se tratava de uma maravilhosa história romântica que só poderia sair dos traços de uma mulher, uma vez que a

História de O é a história da paixão do amor levada ao limite. É também a expressão do gozo masoquista, da entrega sem concessões, a expressão de uma sensualidade concreta e diferenciada. Mas, contra o que uma leitura atenta sugere, O, sua protagonista, não é o objeto passivo do que acontece, mas, pelo contrário, é o sujeito ativo de uma pesquisa. O é humilhada e espancada porque ela não apenas aceita, mas porque decide. Ela pode sempre alterar a ordem da situação e pode dizer não. Na verdade, é O quem determina até onde os personagens ao seu redor podem ir (DOMINGUEZ, 2006, p. 148).

O livro relata, de forma detalhada, como a personagem “O”, uma fotógrafa de moda, escolhe se entregar à realização das fantasias sádicas de seus amantes, René e Sir Stephen. Ela sofre uma série de transformações, inclusive corporais com o intuito de conquistar o amor de seus amantes. Ribeiro (2018) nos chama a atenção para a estratégia utilizada pela escritora para acionar a imaginação de seus amantes – “O”, praticamente, não possui passado, nem idade, nem outras características que a definam – “Talvez sua intenção seja permitir que cada um produza imagetivamente a ‘heroína’ de acordo com a singularidade de sua fantasia. Afinal, como teremos oportunidade de observar, ela foi criada para aguçar, saciar e preencher fantasias” (p. 30).

Curioso é verificar que a própria biografia de Desclos se assemelha à de “O”, no ponto em que o romance surge como uma arma de sedução, um artifício de Eros, visto que ela passa a escrever cartas eróticas para seu amado no intuito de surpreendê-lo e fisgar o que ela entendeu como uma fantasia dele (SIMONI, 2011). Não é sem consequências que Paulhan prefacia o livro, deixando clara, em sua escrita, a fascinação e o assombro que essa obra lhe causou, ao se questionar durante todo o texto quem seria Pauline, se se tratava de devaneios sonhadores ou teria ela vivenciado tamanha aventura. Em suas palavras,

Quem é Pauline Réage? Será uma simples sonhadora como outras? (Basta escutar seu coração, dizem-me: é um coração que nada para). Ou é uma dama que teve essa experiência, que passou por isso e que se admira de que uma aventura que tinha começado tão bem - ou pelo menos tão gravemente, na ascese e na punição acabe tão mal, numa satisfação suspeita? (RÉAGE, 1992, p. 9).

A única certeza que habitava Paulhan é que se tratava de uma mulher por trás do “conto de fadas” que acreditava ser “A história de O”. “Mas que mulher é essa?” (RÉAGE,

1992, p. 9) que escreve sem reservas seu desejo de se tornar uma Justine de Sade? Mediante a impossibilidade de tal conhecimento, ele se entrega ao mistério e convida os leitores a fazerem o mesmo, ao pronunciar: “Só resta ouvi-la” (p. 13). Assim, o prefaciador toma algumas palavras de sua amante para pensar a condição de entrega de “O”:

E só nos momentos em que você me faz sofrer é que fico fora de perigo. Não devia ter aceitado ser um deus para mim, se os deveres dos deuses lhe dão medo, e todos sabem que não são tão suaves.... E se eu não o amasse de um jeito louco, acredita que ousaria falar-lhe assim? E trair minhas semelhantes? (RÉAGE, 1992, p. 15-16).

Contudo, essas palavras lhe acenam o equívoco das pessoas que associam o amor à liberdade, uma vez que, em sua visão, o amor revela uma condição de profunda dependência não somente para o prazer, mas para “o próprio desejo que se tem de existir” (RÉAGE, 1992, p. 16). Assim, como o leva a pensar que tanto “O” quanto Pauline mais que mulheres são “uma ideia, um tipo de ideia, uma opinião, que se vê em suplício” (p. 16).

Por fim, Paulhan declara: “Sem dúvida, *A história de O* é a carta de amor mais cruel que um homem tenha recebido” (RÉAGE, 1992, p. 15). Não seria essa crueldade descrita por ele a consequência de se deparar com o enigma feminino ao constatar que Pauline Réage, em certa medida, encena a materialização de suas fantasias? E assim ele profere:

Estou dizendo coisas aterrorizantes. Pode ser, mas então, é porque o terror é o nosso pão de cada dia - e talvez os livros perigosos sejam aqueles que nos devolvam ao nosso perigo natural. Qual o apaixonado que não ficaria aterrorizado se medisse por um instante o alcance do juramento que fez, não inconsideradamente, de engajar-se por toda a vida? (RÉAGE, 1992, p. 11).

Desclos ilustra de forma bastante significativa a atividade da mulher por trás da cena erótica, seus pseudônimos funcionam como personagens das quais está disposta a usar para capturar o que deseja, seja em sua vida profissional, seja em sua vida amorosa. Nessa segunda, captura o desejo de seu amante, ainda que aparente representar a mulher submissa em sua condição de empregada na editora em que trabalham, o que figura por trás da cena é sua capacidade de fazer com sua condição flexível que, como “O”, escolhe, decide aceitar ser moldada nas fôrmas fantasísticas de Paulhan para florescer como Pauline, uma das muitas mulheres que habitam Anne Cécile Desclos.

Sobre essas facetas femininas, Paulhan revela um misto de inveja, revolta e admiração: “Enfim, não paramos de sonhar, desde a infância, com um homem que seria ao mesmo tempo todos os homens. Mas parece que a cada mulher é concedido ser todas as mulheres (e todos os homens) ao mesmo tempo” (RÉAGE, 1992, p. 18). Situação que o torna ainda mais intrigado e fascinado não só pelo texto, mas pela mulher por trás das letras eróticas que o seduzem ao se voltarem nuas para ele (semelhante a “O”), sob uma máscara de coruja.

É nesse contexto que a obra de Pauline Réage pode ser pensada enquanto uma

invenção, tanto de si, quanto de fazer existir a relação com seu amante. Assim, ela faz de sua escrita, não somente uma carta de amor, mas um lugar do encontro possível, no qual possam (ela e Paulhan) habitar juntos. Em outras palavras, o livro que envolve o universo literário que fascina os dois, torna-se o espaço comum de ambos, criação que ela soube ler nas entrelinhas fantasísticas dele e que lhe desvelaram às coordenadas do próprio desejo.

Como se não bastasse toda essa atmosfera que mescla erótica e mistério, dois anos após a publicação “d’A História de O”, um livro chamado “A imagem” foi publicado sob o pseudônimo de Jean de Berg, dedicado a Pauline Réage e prefaciado por ela. O anonimato deste, também causou frison, alguns atribuem a obra a uma escritora chamada Catherine Robbe-Grillet, iniciada na arte sadomasoquista por seu marido, seu objetivo ao escrever seria desmistificar esse universo, evidenciando que é possível uma relação amorosa nesse meio. Outros, no entanto, associam o texto a Paulhan (SONTAG, 2015).

Chama-nos a atenção o fato de que a personagem principal da trama seja Anne (o verdadeiro nome de Pauline) e que a moça se transforme, ao longo da narrativa, em “uma perfeita escrava” (SONTAG, 2015, p. 74). Além disso, no final “o narrador descobre que Anne não é um brinquedo erótico de Claire doado gratuitamente a ele, mas a ‘imagem’ ou ‘projeção’ de Claire, enviada, antecipadamente, para ensinar-lhe como amá-la” (p. 74). Fato é que a história de Anne Desclos nos permite rastrear uma movimentação, talvez uma travessia que a leva a se deslocar da posição de objeto do outro amado à posição de sujeito do seu próprio desejo ainda que esse desejo passe por se fazer objeto de desejo de seu amante.

Ao que tudo indica, esse deslocamento entre se entregar ao desejo do outro amado e se fazer objeto de desejo do outro “parece constituir um traço do feminino, talvez até seu traço decisivo” (CALLIGARIS, 2006, p. 69). Isso porque, levando a termo o que Freud (1933[1932]/1996) apresenta sobre a trama atravessada pela menina no complexo de Édipo para tornar-se mulher, ao deslocar seu objeto de amor para o pai, a menina precisa interpretar o olhar desse pai como desejante para sentir-se amada. Desse modo, “ser amada [seria] uma necessidade mais forte que amar” (p. 162), o que aponta para a possibilidade de pensar o produzir desejo como um traço feminino da fantasia, como veremos abaixo.

3 | ESCRITORA E ESCRITURA: UM VÉU QUE (DES)VELA UM TRAÇO FEMININO DA FANTASIA

A literatura erótica escrita por autoras, como Pauline Réage, (des)vela mulheres que deslizam entre o desejo e a interdição, entre o prazer e a transgressão, ao dar vida a personagens que se jogam no desfiladeiro do desconhecido e aceitam sua condição de indeterminação enquanto sujeito desejante, o que significa dizer que a percepção de que elas não fecham uma representação única e inflexível, é justamente o que as possibilita

encontrar, no espaço dos pseudônimos e personagens, satisfações parciais de seus desejos. Conforme Cixous e Clément (1975), uma das explicações plausíveis para essa disposição à flexibilidade se deve ao fato de que

A mulher por razões históricas e culturais, temeria menos a bissexualidade, pois aceitaria que há outro. Para o homem, é muito mais difícil se deixar atravessar pelo outro, pois está preso na monossexualidade fálica e na economia do próprio que faz com que o outro seja sempre inquietante e ameaçador, ao passo que o que seria próprio à mulher é sua capacidade de se desapropriar, numa economia aberta, sem reservas (p. 155-156).

Assim, o mapa fantasístico tracejado pelas narrativas que descortinam a irrupção de Desclos no território da ficção de si e do outro nos possibilita pensar como uma das coordenadas do seu desejo, o deslocamento da posição de objeto do desejo para a posição de sujeito de seu próprio desejo e do desejo do outro. Ao que tudo indica, a partir da escrita erótica, a escritora toma ciência da possibilidade de fruir de sua condição plural e aberta ao infinito, como sugere Cixous e Clément (1975). Fato esse que nos permite afirmar que o veículo escrita e o veículo erótico podem ser pensados enquanto uma consciência por meio da qual se opera a transformação do objeto em sujeito (PAZ, 1994).

Com isso, queremos acreditar que a leitura a ser feita não está na cena que configura sujeito-objeto, pois esse movimento nos levaria às mesmas formulações binárias do início das teorizações de Freud - masculino-ativo/feminino-passivo. Mas sim no que orquestra essa cena, de modo que teríamos um movimento deslizante da mulher que, mesmo ao se colocar na condição de objeto, faz emergir o sujeito do inconsciente que permite a ela sustentar uma fantasia de capturar o que acredita ser o desejo do outro. Isso, porque, como pontua Chaves (2005) ao se referir a Lacan e seus trabalhos desde a Tese de 1932, o sujeito não é uma estrutura passiva, mas se apresenta como uma estrutura reacional, que se produz e se desenvolve num meio, buscando fazer valer seu desejo de sujeito do inconsciente.

Nesse sentido, o modelo de mulher freudiana, pensado a partir do pressuposto masculino em uma definição pelo oposto, acena para uma fantasia de ser desejada, ainda que Freud tenha constatado clinicamente somente sua passividade diante da relação, o que figura obscenamente é sua atividade em se fazer desejada. Essas veredas nos permitem constatar, como afirmava o criador da psicanálise, que nem sempre o trabalho de tornar-se mulher (assumir a autoria de seu desejo) é aquele que detém o controle sobre o que se escreve, como podemos perceber na escrita de Desclos que convoca o feminino a comparecer na posição de autora e sujeito de criação, que se afirma como pura diferença na sua paixão, para além do bem e do mal, fazendo da paixão de “O” pelo amor, êxtase e estética.

Com efeito, queremos dizer que o tornar-se mulher está na própria escritura que, por não dissociar escritora e escrita, pode se desenrolar com os sentidos mais diversificados,

desenhando mapas singulares das relações fantasísticas. Estes mapas funcionam como o modo específico de estabelecimento da coerência interna da autora, mesmo que tal coerência, a princípio, configure-se como uma incoerência externa.

A partir da escrita de Desclos, podemos inferir que o tornar-se mulher é fruto do movimento em que a escritora se transforma em autora de sua história, pois toma para si a possibilidade de construir suas próprias falas eróticas, no lugar de apenas ser falada eroticamente pelo outro. Podemos, portanto, pensar a autora como “aquela que se deixa atravessar pela escrita, afirmando a escrita enquanto exterioridade que se manifesta, o intérprete seria aquele que, deixando-se atravessar pela escrita da autora, continuaria com sua leitura esse processo de escrita como experiência-limite, de não-limite” (NERI, 2005, p. 239).

Assim, precipitamos um traço feminino da fantasia que se (des)vela sobre fissuras e lacunas existentes na relação entre escritora e escritura, nas quais o erótico se inscreve de modo desviante, transgressor tanto em relação ao conteúdo quanto à forma da escrita, mas parecem se estruturar sobre o desejo de ser desejada e, conseqüentemente, de capturar a fantasia do outro amado.

É nesse contexto que a mulher, ao decidir se oferecer como objeto, evidencia um saber-fazer com sua condição de não fechar uma representação e, justamente, por saber dessa insuficiência representacional, ela compreende que uma cena não a define. Assim, sua atividade está em escolher se oferecer enquanto objeto do desejo do outro, visto que é desse movimento que se precipita o sujeito do inconsciente.

Portanto, podemos dizer que o território do feminino proclama o sujeito da psicanálise, definido como um faltoso, castrado, inscrito por uma mobilidade pulsional intensa que o remete à incessante tentativa de inscrição de sua condição singular. Por esse viés, as máscaras, seja na forma de pseudônimos ou personagens ficcionais, são colocadas nesse lugar de indiscernível, podendo ser pensadas enquanto semblantes que permitem ao sujeito escolher qual aparência satisfará parcialmente seu desejo. O que faz de seu *parecer passivo um artifício de Eros de pura atividade escriturária inventiva e criativa*. Não sem razão, Barthes (2000, p. 136) afirma que “a função da escritura é colocar a máscara e, ao mesmo tempo, apontá-la”.

4 | PARA NÃO CONCLUIR...

[...] a arte constitui um meio caminho entre uma realidade que frustra os desejos e o mundo de desejos realizados da imaginação [...] (FREUD, 1913/1996, p. 222).

Esse caminho artístico, como Freud enfatizou, ensina-nos sobre o inconsciente, (des)velando a relação entre escritora e escritura que demarca um deslocamento do feminino: da posição de objeto do desejo masculino para a posição de sujeito de seu próprio desejo

e do desejo de outro.

Essas veredas nos permitem constatar como afirmava Freud, que nem sempre o trabalho de tornar-se mulher (assumir a autoria de seu desejo) é aquele que detém o controle sobre o que se escreve. Com isso, queremos dizer que o tornar-se mulher está na própria escritura que, por não dissociar escritora e escrita, pode se desenrolar com os sentidos mais diversificados, desenhando mapas singulares das relações fantasísticas. Estes mapas funcionam como o modo específico de estabelecimento da coerência interna da autora, mesmo que tal coerência se configure como uma incoerência externa.

O tornar-se mulher é fruto do movimento em que a escritora se transforma em autora de suas histórias, pois toma para si a possibilidade de construir suas próprias falas eróticas, no lugar de apenas ser falada eroticamente pelo outro. Assim, a fantasia feminina se (des)vela sobre fissuras e lacunas existentes na relação entre escritora e escritura, nas quais o erótico se inscreve de modo desviante, transgressor tanto em relação ao conteúdo quanto à forma da escrita, mas parecem se estruturar sobre o desejo de ser desejada e, conseqüentemente, de capturar a fantasia do outro.

É nesse contexto que vemos Anne Cécile Desclos com sua escrita sedutora utilizar de pseudônimos e personagens (nomes de mulher) como precipitação do conflito existente entre seus desejos e a imposição da sociedade, evidenciando o fantástico do ser mulher que está em fazer existir o que não existe. O que precipitará de cada mulher? Enigma que deixa seus traços nas narrativas femininas prontas a nossa escuta.

AGRADECIMENTO

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001. Agradecemos à CAPES pelo financiamento da pesquisa de mestrado “A paixão do feminino: elementos de metapsicologia para uma erótica feminina”, da qual se originou o presente artigo.

REFERÊNCIAS

BATAILLE, G. **O erotismo**. São Paulo: Arx, 2004.

BARTHES, R. **O grau zero da escrita**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BORGES, L. **O erotismo como ruptura na ficção brasileira de autoria feminina** - Um estudo de Clarice Lispector, Hilda Hilst e Fernanda Young. Ilha de Santa Catarina: Editora Mulheres, 2013.

CALLIGARIS, E. dos R. **Prostituição: o eterno feminino**. São Paulo: Escuta, 2006.

CIXOUS, H.; CLÉMENT, C. **La jeune née**. Paris: UGE, 1975.

CHAVES, W. C. **A determinação do sujeito em Lacan**: da reintrodução na psiquiatria à subversão do sujeito. São Carlos: EdUFSCar, 2005.

DOMINGUEZ, V. **El dolor**: los nervios culturales del sufrimiento – ensayos de cine, filosofía y literatura. Espanha: Ediuno – Ediciones de la Universidad de Oviedo, 2006.

FREUD, S. Carta 52 (1950[1986]). In: FREUD, S. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996, v. 1, pp. 287-293.

FREUD, S. Novas conferências introdutórias sobre a psicanálise – Conferência XXXIII: Feminilidade (1933[1932]). In: FREUD, S. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996, v. 22, pp. 113-134.

FREUD, S. O tema dos três escrínios (1913). In: FREUD, S. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996, v. 12, pp. 309-323.

NERI, R. **A psicanálise e o feminino**: um horizonte da modernidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

PAZ, O. **A dupla chama**: amor e erotismo. São Paulo: Ed. Siciliano, 1994.

PORTELLA, O. Vocabulário etimológico básico do acadêmico de letras. **Letras** - UFPR, Curitiba, n. 33, p. 103-119, 1984.

RÉAGE, P. **A história de O**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1992.

RIBEIRO, C. N. **Reduzir-se a nada**: articulações entre o masoquismo, o feminino e a máscara. São Paulo: Annablume, 2018.

SILVA, P. B. da. Linguagem obscena. **Revista Eletrônica Correlatio**, n. 2, p. 77-83, out. 2002. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/COR/article/viewFile/1817/1801>>. Acesso em: 3 out. 2018.

SIMONI, J. A. Do masoquismo da mulher ao semblante. **Latusa Digital**, ano 8, v. 44, n. 45, p. 1-7, mar./jun. 2011. Disponível em: <http://www.latusa.com.br/pdf_latusa_digital_44_a6.pdf>. Acesso em: 2 abr. 2018.

SONTAG, S. A imaginação pornográfica. In: SONTAG, S. **A vontade radical**: estilos. São Paulo: Companhia das letras, 2015. p. 44-83.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Adaptações 81, 120, 129, 135, 157, 169, 184
Adolescência 21, 56, 168, 169, 170, 172, 173, 175, 177, 178
Adultos 6, 50, 52, 55, 56, 57, 63, 99, 104, 135, 140, 141, 175, 245
Anne Desclos 9, 10, 16
Atuação do psicólogo 7, 74, 75, 76, 81, 90, 94, 106, 114, 118, 185, 193
Autoexpressão 58, 62
Automedicação 8, 51, 56, 132, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141

B

Bebê 7, 25, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 154, 156, 157, 163, 164
Bem-Estar 38, 63, 83, 98, 106, 109, 113, 115, 116, 117, 120, 121, 122, 123, 131, 135, 158, 208, 213, 226, 228
Bioenergética 58, 59, 63, 105

C

Cardiologia 76, 90, 91, 94
Classe Social 6, 32, 205
Clínica psiquiátrica 74

D

Depressão 6, 58, 59, 60, 61, 62, 64, 86, 91, 92, 104, 108, 110, 111, 128, 132, 136, 140, 154, 222
Diagnóstico Institucional 7, 119, 120, 123, 124, 130

E

Enfrentamento 7, 84, 86, 111, 113, 117, 119, 120, 122, 123, 125, 129, 130, 164, 176, 212
Escuta 9, 13, 19, 21, 22, 23, 24, 26, 27, 29, 30, 34, 38, 50, 52, 55, 82, 90, 92, 93, 94, 95, 96, 188, 190, 203, 214
Estética 6, 8, 17, 32, 35, 39, 48, 49

F

Feminino 9, 12, 13, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 43, 48, 49
Freud 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 9, 10, 13, 16, 17, 18, 19, 20, 24, 27, 31, 40, 43, 47, 92, 96, 160, 164

G

Grupos terapêuticos 7, 74, 75, 76, 79, 80, 81

I

Idoso 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 112, 117

Idosos 7, 8, 87, 88, 106, 109, 110, 111, 112, 115, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 140, 141, 163, 245

Imagem Corporal 32, 95

Independência 83, 103, 158, 162, 163

Interdisciplinaridade 66, 67, 68, 71, 72, 73

Isolamento Social 5, 7, 8, 106, 108, 109, 112, 115, 121, 128, 132, 137, 138, 154, 159

J

Jung 66, 67, 68, 70, 71, 72, 73

L

Literatura erótica 9, 12, 13, 16

M

Mãe 24, 25, 29, 45, 61, 62, 63, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 163, 164, 174, 175, 221

Massagem 98, 101, 103, 104, 105

Medicamentos 41, 51, 56, 63, 81, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141

P

Pandemia 7, 106, 108, 109, 110, 111, 113, 117, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 137, 139, 143, 144, 149, 150, 217, 223

Perdas 59, 83, 84, 87, 88, 158

Processamento Simbólico-Arquetípico 66, 70, 73

Psicanálise 6, 2, 7, 8, 10, 11, 13, 17, 18, 20, 21, 22, 23, 26, 27, 31, 32, 50, 89, 92, 96, 164, 184, 215, 249

Psicologia Analítica 6, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73

Psicologia Hospitalar 90, 96

Q

Queixa escolar 6, 50, 52, 56, 57

R

Recém-Nascido 98, 103

Reforma Psiquiátrica 74, 75, 76, 77, 78, 81, 82

Relato de experiência 50, 52, 90

S

Saúde da população idosa 132, 139

Sexualidade 2, 3, 9, 12, 13, 33, 39, 40, 47, 94

Socioeducação 21, 30

Subjetividade 6, 6, 10, 11, 32, 37, 45, 49, 117, 135, 143, 189, 205, 208, 213

T

Transdisciplinaridade 66, 67, 68, 69, 71, 72

Transferência 21, 22, 23, 26, 27, 28, 29, 73

V

Vegetoterapia 58, 61, 63, 64

Vínculo 2, 3, 21, 23, 26, 27, 30, 86, 98, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 205, 213

A Pesquisa em Psicologia:

**Contribuições para o
Debate Metodológico**

 www.atenaeditora.com.br

 contato@atenaeditora.com.br

 @atenaeditora

 www.facebook.com/atenaeditora.com.br

A Pesquisa em Psicologia:

**Contribuições para o
Debate Metodológico**

 www.atenaeditora.com.br

 contato@atenaeditora.com.br

 @atenaeditora

 www.facebook.com/atenaeditora.com.br